

(Esclarecimentos da Direção Executiva
do Serviço Cooperativo de Educação
do Rio Grande do Norte - SECERN)

O índice de analfabetismo da população adulta do Rio Grande do Norte é de 70%, oficialmente. Entre os 30% restantes, no entanto, temos ainda cerca de 10% de semi-analfabetos, a maioria capaz apenas de assinar seu nome.

Este é, sem dúvida, o maior problema do Estado. O sistema de ensino no Rio Grande do Norte vinha sendo o verdadeiro obstáculo ao desenvolvimento econômico e social do Estado. Por força de suas condições estruturais, que se perpetuavam em padrões superados, impedia, cada vez mais, a solução dos problemas regionais.

Hoje tentamos a revolução necessária.

A Campanha de Alfabetização de Adultos pretende alfabetizar 12 mil homens e mulheres no próximo trimestre, 100 mil adultos e adolescentes até 1965.

Nossos objetivos, com esta campanha, não se restringem à simples alfabetização. O programa prevê:

1. dar ao adulto o domínio das habilidades fundamentais em linguagem, leitura e aritmética;
2. promover o renascimento ou a criação de ideais e padrões elevados de vida;
3. formar no homem a convicção da sua responsabilidade (e da responsabilidade do Estado) em dar educação aos seus filhos;
4. habilitá-lo ao exercício da cidadania, como eleitor, como membro de uma nação livre e como participante ativo do regime democrático;
5. promover a elevação do seu nível de vida em casa, do ponto de vista da higiene, do conforto e da alimentação;
6. habilitá-lo à administração equilibrada dos seus recursos financeiros e da direção de sua própria vida;
7. despertar nêle a noção de que ele, sua mulher, seus filhos, têm direito a uma vida melhor.

Convocamos voluntários e eles se apresentaram: estudantes universitários e ginasianos, que se dispuzeram a testar um novo método de alfabetização de adultos. Organizamos a chamada Experiência de Angicos. Hb

2

je encerramos essa experiência pioneira, com resultados que devem despertar a atenção de todo o Brasil: aproveitamento de 70%. Agora não é mais possível ficar indiferente ao problema do analfabeto, acomodado com a dificuldade que antes representava a solução do problema.

Hoje nós provamos que é possível alfabetizar um homem em apenas 40 horas de aula.

O método que nós empregamos, em caráter experimental, também está ainda em fase de experiência. Seu autor é o professor Paulo Freire, da Universidade do Recife.

Este método dispensa o uso de cartilha. Começa com uma pesquisa junto ao grupo que se pretende alfabetizar, quando é feita a coleta de um universo vocabular que corresponda a situações sociológicas existenciais do grupo. Esse universo tem, em média, 400 palavras.

A coleta é feita através de conversas informais, explicando aos futuros alunos que assim eles estão ajudando a fazer o programa das aulas, dando a eles um sentido de participação ativa.

São anotadas também algumas frases mais expressivas, importantes para o grupo.

É feito um trabalho de separação das palavras dissílabas e trissílabas, separando-se também os fonemas simples dos complexos. (Fita, por exemplo, é um fonema simples. Filtra é complexo).

Um conjunto de palavras simples é escolhido: são palavras geradoras, com fonemas básicos.

Como o método é audio-visual, fazemos fichas coloridas, para projetar, contendo situações de trabalho próprias ao grupo e com as palavras-chave. Esta projeção pode ser feita por epidiascópio, retro-projetor, projetor opaco, projetor de diafilme (a querosene), ou por qualquer outro tipo de projetor, mesmo caseiro. (A importância da projeção é muito grande. É a melhor maneira de fazer gravar uma palavra, principalmente quando a projeção é feita no escuro. Se escrevermos uma palavra no quadro negro e projetarmos outra, a projetada será gravada pelo aluno em um terço do tempo necessário para gravar a outra).

Durante a confecção das fichas, fazemos um teste de figuras com o grupo, para determinar a capacidade de observação e intelectual dos alunos e para melhor dividi-los em classes.

Organizada a classe, a primeira aula traz ao aluno o conhecimento da diferenciação entre objeto de cultura e objeto de natureza. É da idéia de cultura que partimos para a alfabetização. A segunda aula começa com uma explicação que procura dar aos alunos uma base para a compreensão da sua situação dentro da realidade brasileira. A isto chamamos politização. Já nesta aula, com a projeção da ficha, está

projetada a primeira palavra geradora (que, no caso de Angicos, foi a palavra *belota*, a ponta de renda das rêdes ou o enfeite do cabo da chibabeta). Ainda nesta aula os alunos são chamados ao quadro, para escrever (isto é reproduzir), a palavra *belota*. Há sempre um aluno, mesmo mais de um, capaz de escrever.

Os alunos são então informados de que aquela palavra tem três famílias: do *b*, do *l* e do *t*. Aprendem o *ba*, *be*, *bi*, *bo*, *bu*, o *la*, *le*, *li*, *lo*, *lu*.

A terceira aula é de revisão. Insistência nas três famílias de *belota*. Em seguida os alunos são chamados a formar palavras, juntando fonemas. Há sempre quem forme palavras: *belo*, *lata*, *bola*, *bala*...

Daí em diante o método se desenvolve mais ou menos da mesma forma. Na metade do curso são introduzidos os fonemas complexos (*bra*, *bre*, *bri*, *bro*, *bru*), os grupos *nh*, *lh*, *ch*, as letras dobradas.

Os monitores, em Angicos, chamavam as sílabas de tijolos, explicando que "para construir uma parede ou uma palavra é preciso juntar os tijolos numa determinada ordem". Esta concepção do tijolo permitiu explicar que "às vezes a gente pode usar só um meio tijolo que está faltando", facilitando a todos os alunos a compreensão das consoantes intercaladas (o *l* da palavra falta, por exemplo).

As outras palavras geradoras, em Angicos: *voto*, *povo*, *sapato*, *chibanca*, *milho*, *feira*, *expresso*, *xique-xique*, *salina*, *goleiro*, *tijela*, *cozinha*, *jarra*, *fogão*, *bilro*, *almofada*.

Na pesquisa de Angicos 66 adultos informaram que iam aprender a lêr e escrever "para melhorar de vida"; 26 "para ser motorista"; 23 para "lêr jornal"; 20 "para ser professora"; outras 20 "para ser boa costureira"; 18 "para ficar sabendo"; 17 "para fazer cartas"; 15 "para ajudar os outros"; 11 "para ser comerciante"; 10 "para votar"; 7 para dirigir-se"; 4 para "ser músico" e 4 "para lêr a Bíblia".

Apresentaram-se 159 casados, 130 solteiros, 5 viúvos, 3 amasiados. Eram 94 domésticas, 46 operários, 38 agricultores, 24 artesãos, 18 serventes de pedreiro, 15 pedreiros, comerciantes, motoristas, carpinteiros, lavadeiras, bordadeiras, funcionárias, parteiras, mecânicos, vaqueiros, soldados, 33 profissões diversas inclusive uma prostituta e 5 desocupados.

284 católicos, 9 protestantes, 6 ateus.

A pesquisa revelou uma população acomodada, conformada, indiferente, fatalista, descrente da experiência, subnutrida e precocemente envelhecida.

Os voluntários para monitor tiveram 10 aulas, num curso de formação dado pelo Serviço de Extensão Cultural da Universidade do Re

11

cife. As aulas: Atualidade Brasileira (professor Paulo Freire), Economia Brasileira (professor Roberto Cavalcanti de Albuquerque), Cultura Brasileira (professor Luiz Costa Lima), Planificação do Desenvolvimento (professor Roberto Cavalcanti de Albuquerque), Processo de Desalienação (professor Luiz Costa Lima), Deficiência e Inorganicidade da Educação no Brasil (professor Paulo Freire), Considerações Gerais Sobre Método, análise e síntese (professora Aurenice Cardoso Costa); Elaboração do Material Audio-Visual: pesquisa vocabular, seleção das palavras geradoras e preparo de fichas (professor Paulo Freire), Prática e Metodologia do Ensino (professores Paulo Freire e Aurenice Cardoso Costa).